La Comédiathèque

Os Turistas

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Os Turistas

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Dois turistas chegam à vivenda que alugaram para passar férias num país do Magrebe, onde os preços baixaram depois de uma recente revolução.
Mas a casa já está ocupada por outro casal...

Personagens

Maurice
Delphine
Patrick
Brigitte

© La Comédiathèque

Ato 1

O terraço de uma vivenda algures no Norte de África. Uma mesa de jardim, algumas cadeiras, duas espreguiçadeiras e um grelhador. Maurice e Delphine, um casal de burgueses parisienses com pretensões progressistas, chegam exaustos. Maurice arrasta uma mala Vuitton de rodas.

Delphine – Finalmente! Vinte minutos do aeroporto, diziam eles!

Maurice – Se calhar, de helicóptero...

Delphine – Não num daqueles camiões de gado a que aqui chamam autocarros! Bem te disse que devíamos ter apanhado um táxi!

Maurice – Vá, admite que teve o seu lado pitoresco...

Delphine – Pitoresco? Irmos amontoados com aquela gente toda naquela carrinha de transporte de gado? Ainda me parece sentir o cheiro da cabra...

Maurice – Eu não sinto nada.

Delphine – Ao menos podiam ter avisado que o autocarro parava em todas as aldeias... Duas horas para aqui chegar!

Maurice pousa a mala e contempla a paisagem.

Maurice – O importante é que chegámos! E a vista é magnífica. Olha!

Delphine olha também, esboça um sorriso e volta a ficar de mau humor.

Delphine – Onde está o mar? No anúncio dizia que o terraço tinha vista para o mar!

Maurice procura com os olhos e acaba por descobrir um pedaço de mar.

Maurice – Ali! Lá ao fundo...

Delphine – Não vejo nada... Onde?

Maurice – Ali à esquerda. Entre aqueles dois camelos...

Delphine – Ah, sim... Se me inclinar e tiver uns bons binóculos...

Maurice *(num gesto carinhoso)* – Vá lá... O que interessa é estarmos aqui. Juntos. Na nossa segunda lua de mel...

Delphine *(mais terna)* – Tens razão... Dez anos de casamento, imagina. Se fosse hoje, voltavas a casar comigo?

Maurice – De olhos fechados!

Delphine – E de olhos abertos?

Maurice – Vais ver que vamos estar muito bem aqui. Sempre será mais confortável do que o terminal das companhias de baixo custo do aeroporto de Beauvais...

Delphine – Onze horas de atraso! Deram-nos sanduíches estragadas. É um roubo! Ainda nos provocam uma intoxicação alimentar antes de embarcar e, dentro do avião, até os sacos para vomitar se pagam à parte.

Maurice – Pelo menos já estamos imunizados contra a diarreia do viajante...

Delphine – E pensar que enfiámos tudo numa única mala para não pagarmos bagagem extra...

Maurice – Assim viajamos mais leves! Aposto que, se levássemos duas malas, acabávamos por trazer uma data de coisas inúteis.

Delphine – Uma mulher nunca leva nada inútil na bagagem. Estás a confundir o inútil com o supérfluo, que é absolutamente indispensável à felicidade feminina. Sobretudo nas férias.

Maurice – E as Seicheles, pela Air France, num hotel de férias com tudo incluído... Francamente, já é um bocadinho banal, não achas?

Delphine – Foi lá que passámos a primeira lua de mel!

Maurice – Precisamente! Na altura, as Seicheles ainda eram uma aventura. Hoje estão tão banalizadas...

Delphine – No nosso aniversário de casamento, não me importava nada de ser convencional.

Maurice – Além disso, aqui estamos a apoiar os movimentos de libertação no Magrebe... Viste aqueles cartazes eleitorais por todo o lado? Este vento de democracia que sopra sobre o país?

Delphine – Sim, claro... Passar férias numa vivenda com piscina para ajudar o turismo depois da revolução... Espero que não te julgues o Che Guevara.

Maurice – Mesmo assim, se toda a gente optasse por férias solidárias...

Delphine – As Seicheles não são uma democracia?

Maurice – Nem sei se são propriamente um país...

Delphine – Então pertencem a quem?

Maurice – A um operador turístico, talvez.

Olham em redor.

Delphine – Bem... O que fazemos? Ficamos à espera que alguém apareça?

Maurice – A porta está aberta. Olha.

Delphine – Julgava que o proprietário nos esperava no terraço com roupa tradicional, sentado num tapete oriental, a servir-nos chá de hortelã... Que é feito da lendária hospitalidade dos países árabes? Esta revolução também tem os seus inconvenientes. As velhas tradições estão a desaparecer...

Maurice – Ao menos prova que não há problemas de segurança. Em Paris, se deixássemos a porta aberta desta maneira... Nem a porta encontrávamos.

Delphine – Vamos ver como é por dentro. Só quero tomar um duche e mudar de roupa.

Maurice – Eu também.

Entram em casa, arrastando a mala. Pouco depois chega outro casal ao terraço, bastante menos requintado. Patrick veste calções e uma T-shirt publicitária. Brigitte traz um pareo vistoso, num estilo provocante e um tanto vulgar. Patrick transporta um guarda-sol dobrado e um rádio; Brigitte, uma geleira.

Patrick – Ainda bem que trouxemos o guarda-sol e a geleira. Junto à piscina está um calor de rachar. Já molhava o bico... Não tens sede, bebé?

Brigitte – Bebia o mar e os peixinhos! *(Instalam-se nas espreguiçadeiras; Brigitte estende a mão para a geleira.)* O que queres, Patou?

Patrick – Uma cervejinha, para refrescar a garganta...

Ela passa-lhe uma lata e abre uma Coca-Cola Light para si.

Brigitte – É a última. Vamos ter de comprar mais.

Patrick – Já?

Brigitte – Quantas bebeste desde esta manhã?

Patrick – Quem gosta não conta... Achas que vendem cerveja por aqui?

Brigitte – Talvez cerveja sem álcool.

Patrick – A sério?

Brigitte – São muçulmanos.

Patrick – Se calhar devíamos ter voltado à Costa Brava...

Brigitte – A Costa Brava... Tornou-se tão chique, não achas?

Patrick – Sobretudo ficou caríssima.

Brigitte – Achas?

Patrick – Já é mais cara do que França!

Brigitte – E nem falemos da segurança...

Patrick – No ano passado arrombaram-nos o carro numa estação de serviço, logo depois da fronteira, e roubaram-nos a bagagem toda.

Brigitte – Pois... Estava um calor na estrada... Eu tinha saído de La Courneuve de pareo, tu de bermudas. Quando chegámos, já não tínhamos mais nada para vestir!

Patrick – Ficámos literalmente em cuecas.

Brigitte – Tive de comprar um guarda-roupa inteiro. Lembras-te?

Patrick – A nossa conta bancária ainda se lembra.

Brigitte – Não, a Costa Brava já não é o que era.

Patrick – E a maneira como nos recebem... Francamente, deixa muito a desejar, não achas?

Brigitte – Como eu digo sempre: a Catalunha seria ótima se não fossem os catalães.

Patrick – Desde que lhes deu para querer a independência, recebem-nos como se fôssemos invasores.

Brigitte – Se os incomodamos, basta dizerem. Vamos de férias para outro lado.

Patrick – Foi o que fizemos, não foi?

Brigitte – Pois! Bem feita para os catalães.

Patrick – No tempo em que a Espanha era uma ditadura, não havia estes problemas todos.

Brigitte – Espero que aqui, agora que derrubaram o ditador, ainda seja possível passar férias em paz.

Patrick – A democracia também tem os seus inconvenientes. Basta ver o que se passa em França...

Brigitte – Eu nunca tive grande vontade de vir ao Magrebe, mas por este preço...

Patrick – E aqui, pensando bem, nem são propriamente árabes, pois não?

Brigitte – Então são o quê?

Patrick – Sei lá... Beduínos...

Brigitte – Beduínos? *(Pausa.)* Mas os beduínos não são árabes?

Patrick – Acho que não...

Bebem um gole das suas latas, pensativos.

Brigitte – Os beduínos não são aqueles que vivem no deserto?

Patrick – Não sei. Porquê?

Brigitte – É que aqui estamos à beira-mar, não estamos no deserto!

Patrick – Os dos camelos são os tuaregues, não é?

Brigitte – E os tuaregues também não são árabes?

Patrick – Vai-se lá saber.

Brigitte – Mas são muçulmanos, não são?

Patrick – Quem?

Brigitte – Os beduínos!

Patrick – Ah... Sim, acho que sim.

Brigitte – Então estamos no deserto ou não?

Patrick – Estamos no deserto, mas à beira-mar. Olha, há ali um camelo na praia!

Brigitte *(bocejando)* – Ainda não recuperei da viagem.

Patrick – Só chegámos há uma hora.

Brigitte – Deve ser do fuso horário.

Patrick – Do fuso horário? Só há uma hora de diferença, bebé! E mesmo isso, só no verão...

Brigitte – Quando não estamos habituados...

Patrick – Já é meio-dia e ainda nem tenho fome. Sabes que mais? Vou dormir uma sesta.

Brigitte – E porque não? Estamos de férias!

Começam a adormecer. Maurice e Delphine voltam ao terraço sem repararem logo em Patrick e Brigitte, que dormem nas espreguiçadeiras.

Maurice – Então, que te parece? Não é nada mau, pois não?

Delphine – Um pouco rústico, mas há de servir.

Maurice – Se pensarmos que este povo acaba de sair de meio século de ditadura...

Delphine – Porque meio século? Há cinquenta anos isto era uma democracia?

Maurice – Uma monarquia, acho eu... Não?

Delphine – E quem é aquele candidato às primeiras eleições democráticas?

Maurice – Qual candidato?

Delphine – Há mais do que um?

Maurice – Sim, evidentemente...

Delphine – Aquele cuja cara aparece em todos os cartazes!

Maurice – Ah, o favorito... O antigo ministro da Justiça.

Delphine – Ministro da Justiça do ditador que acabaram de derrubar?

Maurice – Foi o que li no jornal...

Delphine – E isso não te espantou?

Maurice – O quê?

Delphine – Os ditadores também terem um Ministério da Justiça!

Maurice – Tens razão... Esta pobre gente nunca conheceu verdadeiramente a democracia. Vai precisar de tempo.

Delphine – A democracia à francesa é como o bom vinho: melhora com os anos. Mas é preciso cultura para saber apreciá-la.

Maurice – É preciso educar o paladar.

Delphine – E o olfato. Tens a certeza de que não cheiro a cabra?

Maurice – Não mais do que habitualmente...

Ela olha-o, sem perceber se é uma brincadeira.

Delphine – Que calor! Tens razão, apoiar a revolução sem ar condicionado começa a ser um ato de heroísmo.

Maurice – E reparaste? Até deixaram bebidas frescas no frigorífico! E tu a duvidares da hospitalidade local...

Patrick ressona. Maurice e Delphine sobressaltam-se e só então reparam no outro casal, a dormir nas espreguiçadeiras.

Delphine – O que é isto?

Maurice – Devem ser os proprietários...

Delphine – Não têm muito aspeto de árabes.

Maurice – Talvez sejam cabilas...

Delphine – Têm sobretudo ar de parvos.

Maurice – Falam francês?

Patrick e Brigitte despertam a custo e olham os recém-chegados, espantados.

Delphine – Do you speak English?

Patrick e Brigitte despertam completamente.

Patrick – Estávamos só a dormitar... São vocês os donos disto?

Delphine – Os donos disto...?

Maurice – Ele quer dizer os proprietários.

Delphine – Obrigada. Já vi filmes de Michel Audiard. Não sabia que ainda havia gente a falar assim. *(A Patrick.)* E o senhor, se não é o proprietário, veio cá fazer o quê? Cortar a relva?

Patrick – Estamos a morar aqui!

Brigitte – Quer dizer, durante as férias...

Maurice – Como assim? Mas fomos nós que alugámos esta vivenda!

Patrick – Nós também, garanto-lhe.

Maurice – Já percebi. São os hóspedes anteriores e estão de partida, é isso?

Brigitte – Qual quê! Ainda agora chegámos!

Patrick – Vamos ficar uma semana. E vocês?

Maurice – Nós também...

Delphine – Não é possível, Maurice. Faz alguma coisa!

Maurice – Deve haver um mal-entendido. Quando o proprietário chegar, resolve-se tudo. Já o viram?

Patrick – Ainda não. E vocês?

Maurice – Também não.

Brigitte – Chegámos de táxi há uma hora.

Delphine – Estás a ver? Se tivéssemos apanhado um táxi, tínhamos chegado primeiro!

Patrick – Como a porta estava aberta, entrámos.

Brigitte – Ainda nem desfizemos as malas.

Delphine – Ótimo. Assim despacham-se mais depressa para sair!

Patrick – Só tivemos tempo de dar um mergulho em pelota na piscina.

Brigitte – Não contávamos com companhia...

Delphine *(referindo-se a Patrick)* – A cara dele não me é estranha...

Maurice *(constrangido)* – A mim também. Devemos tê-los visto no avião.

Delphine – Se calhar são ocupantes ilegais...

Maurice – Vou telefonar ao proprietário. *(Tira o telemóvel, observado pelos outros três.)* Não tenho rede...

Patrick – Deve ser o famoso telefone árabe...

Brigitte – Mais tarde ou mais cedo o dono aparece.

Patrick – Também não morreu ninguém por causa disto.

Brigitte – A casa é grande! *(A Patrick.)* Tu que tinhas medo de te aborrecer só comigo... Agora já tens um amigo.

Patrick – Costumamos vir com amigos, mas desta vez não puderam...

Brigitte – Morreram os dois num acidente de automóvel há dois meses.

Patrick – Ficámos de rastos, claro.

Brigitte – Depois de tantos anos a passarmos férias juntos...

Patrick – Tinham um apartamento na Costa Brava.

Brigitte – Convidavam-nos todos os anos em agosto.

Patrick – Tivemos de arranjar outra coisa à última hora.

Brigitte – E em agosto, imaginem...

Patrick – Acabámos por escolher o Magrebe.

Brigitte – Estava em promoção...

Patrick – No fundo, até se parece com a Costa Brava, não acham?

Brigitte – Em vez de paelha, comemos cuscuz. É a única diferença.

Patrick – Basta trocar o arroz pela sêmola e vai dar tudo ao mesmo. E quanto mais burros à mesa, mais animação!

Brigitte – Nós não nos importamos nada de ter companhia. Não é, Patou?

Maurice e Delphine parecem atordoados com aquela torrente de palavras.

Delphine *(à parte, para Maurice)* – Achas que devemos chamar a polícia? Não me inspiram confiança...

Patrick – E se tomássemos um aperitivo? Bebé, vai buscar as azeitonas.

Brigitte – Já vou, meu amor.

Brigitte entra em casa.

Patrick – Já não tenho cervejas. Apetece-vos um pastis?

Delphine – Um quê?

Maurice – Um pastis...

Patrick – Com este calor, um pastis bem fresco sabe pela vida. Também tenho xarope de hortelã. Um «perroquet» para a senhora?

Delphine *(à parte, para Maurice)* – Isto é um pesadelo... Nem sequer percebo metade do que ele diz.

Patrick serve as bebidas. Brigitte regressa com as azeitonas.

Brigitte – Trouxe qualquer coisa para trincar!

Patrick – E eu, qualquer coisa para emborcar! *(Ergue o copo.)* À nossa!

Brigitte – Vá, sirvam-se das azeitonas.

Patrick – Já conhecem o país?

Delphine – Como é possível terem alugado a mesma casa a dois casais?

Maurice – Realmente...

Delphine – Têm o contrato de arrendamento?

Patrick – Tenho, sim. *(Entrega-lho.)* Senhor e senhora Martin. Está aqui escrito.

Delphine – Senhor e senhora Martin!

Patrick – Mas podem tratar-me por Patrick.

Brigitte – E eu sou a Brigitte.

Maurice – Temos o mesmo apelido...

Patrick – O quê?

Delphine – Também nos chamamos Martin! Deve ser uma confusão por causa da homonímia.

Brigitte – Ah, sim?

Patrick – Que coincidência!

Brigitte – Como se costuma dizer: há mais do que um burro chamado Martin!

Patrick – O meu professor dizia-me sempre isso. Éramos dois Martin na turma. O outro era um graxista, o melhor aluno da classe, sempre com notas excelentes. Não era o senhor, por acaso? Até se parece com ele.

Maurice – Creio que não...

Patrick – Ouve, bebé, não achas que ele se parece com o Momo? Tu conheceste o Momo!

Brigitte – Não...

Patrick – O Mohamed!

Brigitte – Ah, claro! Mohamed Martin.

Patrick – Preferia que lhe chamassem Momo, porque tinha vergonha do nome.

Brigitte – Era um miúdo entregue à assistência social. Quando foi adotado já tinha três anos, e os pais mantiveram-lhe o nome de origem.

Patrick – Andámos na mesma escola, o Momo e eu! No colégio Gagarine.

Brigitte – Foi lá que nos conhecemos também, não foi, Patou?

Patrick – Gagarine! O professor dizia-me: «Quando mandarem os idiotas para a órbita, nunca mais paras de dar voltas!»

Delphine – Essa frase é do Michel Audiard.

Brigitte – Tem razão, Delphine. Deve ser por causa dessa homofobia...

Delphine – Perdão?

Brigitte *(a Maurice)* – Pensaram que o meu marido e o senhor eram o mesmo casal...

Patrick – Pois! Temos o mesmo apelido. Quem sabe se até não somos primos?

Brigitte – A casa é grande e quase somos família. Porque é que não passamos as férias todos juntos?

Delphine – Juntos?

Patrick – Dividimos a renda!

Brigitte – E fazemos um fundo comum para a comida.

Patrick – Como fazíamos com os nossos amigos.

Maurice – Os vossos amigos?

Brigitte – Aqueles que morreram... os falecidos!

Patrick – Então, que me dizem?

Brigitte – Já é tão barato... E a dividir por dois casais!

Patrick – Sai mais barato do que ficarmos em casa a ver televisão.

Brigitte – Se ao menos houvesse programas de jeito!

Delphine *(com ironia, a Maurice)* – Pronto, querias poupar e conseguiste. Mas diz alguma coisa!

Maurice – Neste momento não vejo muitas alternativas...

Delphine – Obrigada. Era precisamente a resposta que esperava... Mas não há hotéis por aqui?

Patrick – Ui, não há grande coisa. Pelo caminho, só vimos mato... Ou melhor, deserto.

Brigitte – E umas tendas de beduínos...

Patrick – E a senhora? Como é que se chama?

Maurice – Martin, já disse! É a minha mulher. Somos os dois Martin.

Delphine *(à parte, para Maurice)* – Não podem ser assim tão estúpidos...

Patrick – Estou a falar do primeiro nome, não do... apelido.

Delphine – Delphine. Chamo-me Delphine.

Patrick – Muito bem. E o senhor é Maurice... Engraçado. Maurice, Momo! Como o meu amigo da escola. Só que ele não se chamava Maurice...

Brigitte – Querem mais um aperitivo?

Maurice – Não, obrigado.

Patrick – E tu trabalhas em quê, Momo?

Maurice – Sou jornalista...

Patrick – No Le Parisien? No L'Équipe?

Maurice – Na Golf Magazine International.

Patrick – Ah, está bem... Um grande repórter, portanto! *(A Delphine.)* E a senhora?

Delphine – Sou pintora.

Brigitte – Pintora? Não é uma profissão muito habitual para uma mulher.

Patrick *(a Brigitte)* – Olha, bebé, tu que querias pintar a cozinha, pede-lhe um orçamento.

Delphine – Não, eu... Não pinto cozinhas...

Brigitte – Não? Então o que pinta?

Delphine – Vacas, sobretudo.

Brigitte – Vacas?

Delphine – Às vezes também bezerros.

Maurice – A minha mulher é artista plástica.

Delphine – Pinto animais.

Patrick – Especializou-se nos bovinos, portanto?

Brigitte – Que azar! Aqui não há nada disso. Só camelos...

Delphine – Estamos de férias...

Brigitte – Nunca conheci uma pintora a sério! Fazia-me um retrato?

Patrick – A senhora acabou de dizer que só pinta vacas...

Delphine – E o senhor, Patrick?

Patrick – Trabalho no ramo dos congelados.

Delphine – Ah, por isso é que usa essa T-shirt...

Maurice – E a senhora, Brigitte, o que faz?

Brigitte – Por enquanto trabalho num salão de massagens.

Maurice *(interessado)* – Num salão de massagens...?

Patrick – Querida, já te disse que a expressão correta é «fisioterapeuta».

Brigitte – Salão de massagens é mais simples, não é?

Patrick – A minha mulher é secretária médica.

Brigitte – De certeza que temos imensas coisas em comum.

Delphine – Para além do apelido, quer dizer?

Patrick – Bem, bebé, vais tratar do jantar? Já tenho fome.

Brigitte – Jantam connosco?

Maurice – Não sei se...

Delphine – Isto há de resolver-se depressa. Não vamos já criar hábitos.

Brigitte – Não se preocupem, eu fico com o primeiro turno da loiça.

Delphine – Muito amável, mas havemos de encontrar um restaurante aqui perto.

Maurice – Hoje fazemos dez anos de casados...

Patrick – Ah, nesse caso não vamos ficar aqui a segurar-vos a vela, pois não, Brigitte?

Patrick e Brigitte saem.

Delphine – Era preciso dizeres-lhes que hoje é o nosso aniversário de casamento?

Maurice – Foi a única desculpa que me ocorreu para recusar o convite.

Delphine – Devíamos era ter ido às Seicheles... Preparar a próxima revolução!

Maurice tenta telefonar outra vez.

Maurice – Continua sem rede...

Delphine – Diz-me que isto é um pesadelo e que vou acordar.

Maurice – Temos de ver o lado positivo.

Delphine – E qual é o lado positivo?

Maurice – Se não fosse isto, nunca teríamos passado a noite com gente de La Courneuve...

Delphine – Viemos conhecer a população local, não a dos subúrbios de Paris! Como sabes que são de La Courneuve?

Maurice – Sei lá. Foi um palpite.

Delphine – E agora? O que fazemos?

Maurice – Para além de esperar...

Delphine – Recuso-me a dormir nesta casa com aqueles dois idiotas! O teu problema, Maurice, é que és um banana!

Maurice – Tens uma ideia melhor?

Delphine – Procura na mala o número da agência de viagens em Paris!

Maurice traz a mala e tenta abri-la com a chave.

Maurice – Não consigo abrir.

Delphine – Deixa-me tentar.

Ela também tenta, sem conseguir.

Maurice – Parece que a chave não serve.

Delphine *(horrorizada)* – A chave é a certa. Mas a mala é que não!

Maurice – Como assim? É a nossa Vuitton!

Delphine – Esta é verdadeira.

Maurice – Queres dizer que a nossa era falsa?

Delphine – Devemos ter apanhado a mala errada no tapete de bagagens do aeroporto...

Maurice – Como foi possível enganar-nos?

Delphine – Foste tu que a apanhaste! Era pesada demais para mim! Não viste que esta era verdadeira?

Maurice – Eu nem sabia que a nossa era falsa!

Delphine – E eu que lhe tinha atado uma fita vermelha à pega para a reconhecer...

Maurice – Toda a gente põe uma fita vermelha nas malas para as reconhecer!

Delphine – Agora ficámos sem nada!

Maurice – Sem nada?

Delphine – Só temos a roupa suja que trazemos vestida.

Maurice – Ao menos temos os passaportes, os cartões Visa, os cheques de viagem... *(Ela lança-lhe um olhar eloquente.)* Não?

Delphine – Depois de passar pela alfândega, meti a bolsa dos documentos num bolso exterior da mala.

Maurice – Estás a brincar!

Delphine – Disseste que aqui não havia problemas de segurança. A vantagem de cinquenta anos de ditadura, dizias tu! Que até se podiam deixar as portas abertas!

Maurice – E então?

Delphine – Os nossos documentos não estão no bolso exterior desta mala!

Maurice – Então devo ter apanhado a mala certa no tapete voador...

Delphine – Tapete voador...?

Maurice – No tapete rolante, quero dizer! A troca deve ter sido depois, no aeroporto, quando te deixei sozinha com a bagagem para ir procurar um táxi...

Delphine – Ah, agora a culpa é minha!

Maurice – Diz-me a verdade, Delphine. Deixaste a mala sem vigilância, nem que fosse um instante?

Delphine – Não! Quer dizer... Fui só à casa de banho. Era urgente. E não podia levar a mala para dentro da cabine!

Maurice – Pois...

Patrick e Brigitte regressam para pôr a mesa, trazendo duas latas de conserva sobre dois pratos e uma garrafa de vinho.

Patrick – Que caras são essas?

Maurice – Esta não é a nossa mala.

Delphine – Roubaram-nos a nossa.

Brigitte – Que estranho. Disseram-nos que aqui não havia problemas de segurança.

Delphine – E os nossos cheques de viagem estavam lá dentro!

Brigitte – Cheques de viagem...

Patrick – Isso ainda existe?

Delphine – Ficámos sem um tostão!

Maurice – Nem dinheiro para comer temos.

Brigitte – Então já não têm alternativa!

Delphine – Alternativa a quê?

Patrick – Ao nosso convite para comer! É cuscuz! Vá, bebé, põe mais dois talheres.

Brigitte vai buscar mais dois talheres.

Delphine – O que é isto?

Patrick – Cuscuz.

Maurice – Em lata?

Brigitte regressa com dois pratos e duas latas.

Brigitte – Disseram-nos para desconfiarmos dos alimentos frescos.

Patrick – Por causa da diarreia dos turistas...

Brigitte – O médico avisou-nos antes da viagem. Só conservas!

Maurice – Cuscuz em lata? Ora essa...

Patrick – É de lata, sim, mas foi fabricado aqui.

Delphine – Fabricam cuscuz em lata neste país? Isso é que é uma revolução!

Brigitte – Não sei se se vende cá...

Patrick – Mas para exportação há.

Brigitte – Comprámos no Auchan de La Courneuve.

Delphine – Estás a ver, Maurice? Tinhas razão. São de La Courneuve.

Patrick – E atenção: é cuscuz de comércio justo!

Maurice e Delphine ficam de boca aberta.

Brigitte – Acho que até é fabricado aqui.

Patrick – Diz na lata: «Produzido por mulheres numa fábrica de conservas que respeita os direitos humanos».

Delphine – A vossa maneira de apoiar a Primavera Árabe...

Patrick *(a Maurice)* – É curioso, a tua cara continua a dizer-me qualquer coisa...

Delphine – E nós continuamos sem roupa para vestir.

Patrick – Nem um fato de banho para a piscina!

Brigitte – Posso emprestar-vos um! Quer dizer, nem sei se trouxe outro. Tentámos viajar leves, porque já tínhamos toda a comida para a semana.

Delphine – Magnífico. Um fato de banho para os dois. Nadamos à vez! *(A Maurice.)* Ou então vamos todos nus para a piscina com os nossos novos amigos, não é?

Brigitte – Quer que lhe empreste um vestido?

Delphine – Duvido que tenhamos o mesmo tamanho. Mas vamos tentar abrir esta mala. Talvez haja lá dentro roupa que sirva.

Brigitte – Então esperamos por vocês para o cuscuz.

Escuro.

Ato 2

Maurice e Delphine regressam vestidos à oriental: ele de djellaba e babuchas, ela com um traje de dança do ventre. Patrick e Brigitte ficam de olhos arregalados.

Brigitte – Alto lá! Ninguém disse que hoje era noite de máscaras!

Patrick – Nos clubes de férias são os animadores que fornecem os disfarces. Nós não preparámos nada disso...

Delphine – Não conseguimos abrir a mala, mas encontrámos isto num armário...

Patrick – E dizem que ficaram sem passaporte? Assim vestidos, nunca mais vos deixam voltar a Paris!

Brigitte – Mas ficam-vos muito bem!

Patrick – E se nos fizesses uma dancinha do ventre depois do jantar, Delphine?

Delphine *(seca)* – Então agora já nos tratamos por tu?

Brigitte – Sirvo-vos o jantar?

Brigitte coloca uma lata de cuscuz em cada prato.

Delphine – Pelo menos as porções são iguais para todos...

Maurice – Não parece assim tão mau.

Brigitte – A fome é o melhor tempero. A minha mãe dizia sempre isso.

Começam a comer.

Patrick – Um copinho de carrascão?

Delphine olha-o, sem perceber.

Maurice – O senhor está a oferecer-te vinho.

Delphine – Devias ter sido intérprete nos subúrbios de Paris, em vez de repórter da Golf Magazine...

Patrick – Então, diz-me lá, Momo, deves viajar muito com esse emprego...

Maurice – Não há nada mais parecido com um campo de golfe do que outro campo de golfe. Às vezes só muda o número de buracos...

Brigitte – E como é que lhe deu para ser jornalista de uma revista de golfe?

Patrick – Gostas assim tanto de golfe?

Maurice – O pai da minha mulher é o diretor da revista.

Patrick – Ah, percebo...

Delphine – E vocês interessam-se por golfe?

Brigitte – O Patrick gosta mais de futebol. Não é, Patou?

Delphine – Também não devem ser grandes apreciadores de pintura de animais... *(À parte, para Maurice.)* Vai ser difícil aguentar até aos loukoums...

Patrick volta a encher os copos.

Brigitte – É incrível esta história da mala...

Patrick – Olhe, se me tivessem trocado a minha por outra, não sei se ficava a perder.

Brigitte – E o que há na mala que trouxeram?

Maurice – Já vos disse que não conseguimos abri-la.

Patrick – Já tratamos disso.

Brigitte *(animada)* – Não há fechadura que resista ao Patrick. Não é, Patou?

Patrick – Ela ri-se porque nos conhecemos num clube de encontros...

Delphine – Pensei que se tinham conhecido na escola.

Patrick – Conhecemo-nos lá, mas nessa altura ainda não namorávamos...

Brigitte – Cada rapariga tinha um cadeado. Estão a perceber...

Patrick – E cada rapaz uma chave. O objetivo era encontrar a fechadura certa.

Brigitte – O Patrick não tinha a chave certa, mas conseguiu abrir a minha fechadura. Tem muito jeito para estas coisas.

Maurice fica constrangido. Delphine prefere continuar a pensar na mala.

Delphine – Mesmo assim, não sei se será correto vasculhar a mala de um desconhecido...

Brigitte – Bem, podemos passar à sobremesa.

Brigitte levanta-se.

Brigitte – Não, não, fiquem sentados. Ajuda-me a levantar a mesa, querido?

Patrick e Brigitte saem.

Delphine – E se tiverem sido eles?

Maurice – Quem?

Delphine – A mala! E se foram eles que roubaram a nossa mala?

Maurice – Mas não havia nada de valor na nossa Vuitton. E ainda por cima era falsa! Porque haviam de trocá-la por uma verdadeira?

Delphine – Sei lá! Para nos pregarem uma partida!

Maurice – Achas que seriam capazes de uma partida tão sofisticada?

Delphine – Vou ver discretamente se a nossa mala está no quarto deles.

Maurice – Não sei se é boa ideia...

Patrick e Brigitte regressam e cruzam-se com Delphine à saída.

Brigitte – Onde vai? Estamos quase a comer os loukoums!

Delphine – Vou só... refrescar-me um pouco.

Patrick volta a rir-se dos trajes orientais.

Patrick – Então, irmão Momo, salam aleikum! Dizem que os árabes têm dificuldade em integrar-se em França, mas vocês são uns campeões! Se não vos deixarem regressar, aprendem a língua e pedem asilo político aqui!

Maurice tenta sorrir. Delphine sai.

Brigitte – Deixa de o chatear.

Patrick – Uma pessoa tem de se rir! Estamos de férias! Mas a sério, é a cara chapada do Momo.

Brigitte – Mohamed Martin...

Patrick – Na escola gozavam todos com ele...

Brigitte – Quando se zangava, começava logo a gaguejar.

Patrick – Tens a certeza de que nunca viveste em La Courneuve, Maurice?

Maurice *(a gaguejar)* – N-não, eu... Eu n-não creio... Eu ch-chamo-me Mau... Chamo-me Maurice, garanto-vos!

Patrick – Momo? És tu?

Brigitte – Não pode ser... Mohamed Martin! É mesmo ele!

Maurice – É que... a minha mulher não sabe. Conhecemo-nos no Sciences Po, em Paris... Antes disso estudei no liceu Karl Marx de La Courneuve e consegui uma bolsa de estudo...

Patrick – E agora chamas-te Maurice...

Maurice – Pedi para mudar de nome. Mas preferia que isto ficasse entre nós, está bem?

Brigitte – Está bem... Maurice...

Delphine regressa.

Delphine – Pronto...

Brigitte – Ajuda-me a arrumar, querido. Vou preparar chá de hortelã.

Saem, trocando um olhar cúmplice.

Maurice – Então?

Delphine – A nossa mala não está no quarto deles. Têm duas: uma com roupa e outra cheia de latas de cuscuz.

Maurice – Até nem estava mau... para cuscuz em lata.

Delphine – Não te parece suspeito?

Maurice – O quê?

Delphine – Uma mala inteira cheia de latas de cuscuz... E se são traficantes?

Maurice – Traficantes de cuscuz em lata?

Delphine – E se as latas contiverem outra coisa...

Maurice – Como o quê?

Delphine – Sei lá... Droga.

Maurice – Quem seria suficientemente estúpido para entrar num país do Magrebe com droga escondida em latas de cuscuz de comércio justo?

Olham ambos para Patrick e Brigitte, que acabam de regressar.

Patrick – Já lavámos a loiça!

Delphine – A vantagem das conservas é que se lava a loiça num instante.

Brigitte – Sobretudo quando se come diretamente da lata.

Patrick – Mas isso não resolve o vosso problema da mala.

Maurice – Para já, não vejo o que podemos fazer.

Delphine – Quando a pessoa que ficou com a nossa mala perceber o engano, há de contactar-nos.

Patrick – A mala tinha a vossa morada?

Maurice – A nossa morada em França, sim.

Delphine – Em Paris. No décimo sexto bairro.

Brigitte – Isso pouco vos adianta se a enviarem de volta para França...

Patrick – E esta mala? Não tem uma morada ou um número de telefone?

Maurice traz a mala.

Maurice – Não.

Delphine – Nem lá dentro?

Maurice – Não temos a chave.

Patrick – Isso não é problema! *(Pisca o olho a Maurice.)* Então, Ali Babá? *(Abre a fechadura com um garfo.)* Abre-te, Sésamo! Pronto!

A mala abre-se. Todos ficam consternados.

Maurice – O que é isto?

Patrick – Parecem notas de banco...

Brigitte – E vocês preocupados com a falta de dinheiro para as férias...

Delphine – Euros não são, isso é certo.

Maurice – Nem é a moeda local.

Patrick – Que letras tão esquisitas!

Delphine – Parecem caracteres cirílicos.

Patrick – O quê?

Maurice – Devem ser rublos...

Delphine – Meu Deus...

Brigitte – Quem é que vem passar férias ao Magrebe com uma mala cheia de rublos?

Delphine – A máfia russa.

Maurice – Deve ser dinheiro sujo.

Patrick – Daí a troca de malas...

Delphine – Como assim?

Patrick – Já vi isto num filme. Usaram-nos como mulas!

Delphine – Mulas?

Brigitte – Lá está! Não há só um burro chamado Martin...

Patrick – Para passarem pela alfândega!

Maurice – Acham mesmo?

Delphine – E agora? Temos de nos livrar deste dinheiro!

Patrick – Pois, mas esses tipos vão querer recuperar o guito. E geralmente não têm grande sentido de humor.

Delphine fecha a mala à pressa.

Delphine – Têm razão. É melhor fingirmos que nunca a abrimos e que não sabemos de nada.

Maurice – E se o homem que nos alugou a casa estiver metido no negócio?

Patrick – Realmente, já é estranho ainda não termos visto o dono.

Delphine – E se pertencer a um grupo terrorista islâmico?

Patrick – O que fariam os islamistas com uma mala cheia de rublos?

Delphine – Talvez recebam financiamento dos chechenos. Também são muçulmanos...

Brigitte – Bolas! Se soubéssemos que havia chechenos por aqui, nunca tínhamos vindo! Tu disseste que só havia beduínos!

Patrick – Calma, querida. É só uma hipótese. *(A Delphine.)* Acham mesmo que podem aparecer esta noite para nos degolarem como carneiros?

Brigitte *(em lágrimas)* – E nós que só queríamos umas férias tranquilas! Tinhas razão, Patou. Devíamos ter ido à Costa Brava...

Silêncio.

Delphine *(a Maurice)* – E quem nos garante que não são eles?

Brigitte – Nós?

Delphine – Quando chegámos, eles já cá estavam! E por coincidência chamam-se Martin, como nós! Talvez estejam encarregados de recuperar a mala... Talvez nos venham degolar esta noite!

Maurice – Mas são nossos compatriotas...

Delphine – Compatriotas? Vivem no departamento 93, nos arredores de Paris! Está cheio de mesquitas por lá!

Maurice – Já foste alguma vez ao 93?

Delphine – Vi uma reportagem na televisão.

Patrick – Ó minha senhora, acalme-se!

Brigitte – Convidamo-los para comer cuscuz e agora tratam-nos por islamistas!

Patrick – Foram vocês que nos meteram nesta confusão!

Brigitte – Nós não pedimos nada!

Patrick – Aparecem na nossa casa com a mania que são superiores!

Brigitte – E agora estamos em plena Guerra do Golfo!

Delphine – Na vossa casa? Esta casa é nossa! Maurice, diz alguma coisa!

Maurice – Bem... Não é altura de nos exaltarmos. Temos de nos manter unidos...

Patrick – Pois eu digo: desenrasquem-se sozinhos! A mala veio parar às vossas mãos, não às nossas. Vou mas é dormir. Vens, bebé?

Patrick e Brigitte saem. Maurice e Delphine ficam desamparados.

Delphine – Acho melhor organizarmos turnos de vigia durante a noite...

Escuro.

Ato 3

Maurice e Delphine, que aparentemente passaram a noite no terraço, acordam com o chamamento do muezim para a oração.

Delphine – Ainda estamos vivos...?

Maurice – Parece que sim.

Delphine – E a mala continua ali?

Maurice – Sim...

Ouve-se novamente o chamamento do muezim.

Delphine – O que é isto?

Maurice – O chamamento para a oração...

Pausa.

Delphine – E se fosse uma dádiva dos céus...

Maurice – O quê?

Delphine – Se ninguém reclamar o dinheiro dentro de um ano e um dia, podemos dizer que nos saiu a lotaria.

Pausa.

Maurice – Quanto está a valer o rublo?

Delphine – Não sei, mas com uma mala cheia deles... Deve dar para vivermos algum tempo.

Maurice – Ainda temos de conseguir levar os rublos para França.

Delphine – Podíamos escondê-los nas latas vazias de cuscuz...

Maurice apanha uma lata vazia e examina-a.

Maurice – A data de validade já passou. Devia estar em promoção. Por isso é que compraram tantas...

Delphine – Esta história é extraordinária.

Maurice – É...

Delphine – E se for uma partida? Daquelas de câmara escondida, em que pregam partidas absurdas a pessoas famosas...

Maurice – Mas nós não somos famosos...

Delphine – Devíamos procurar uma câmara. *(Procura em volta.)* Ou alguém escondido a olhar para nós e a rir-se.

Olha para a escuridão do lado do público, sem ver ninguém.

Maurice – Isso significaria que o Patrick e a Brigitte eram atores...

Delphine – Porque não?

Maurice – Acredita, tenho boas razões para pensar que não são.

Patrick e Brigitte chegam, ele de pijama e ela de roupão.

Delphine – Tens razão... Nem os melhores atores conseguiriam fazer tão bem de turistas pirosos.

Brigitte – Dormiram bem?

Delphine – Na verdade, não.

Brigitte parece incentivar Patrick a falar.

Patrick – Bem, desculpem lá a discussão de ontem. Exaltei-me um bocado.

Brigitte – O meu marido ferve em pouca água...

Maurice – Não foi nada, garanto-vos.

Delphine – Vou refrescar-me um pouco.

Maurice – Eu também.

Brigitte – Fiz café. Esperamos por vocês para o pequeno-almoço?

Maurice e Delphine esboçam um sorriso e saem.

Patrick – Deixaram a mala aqui...

Brigitte – Não é muito prudente...

Pausa.

Patrick – É uma pena serem só eles a ficar com aquele tesouro...

Brigitte – Pois é...

Patrick – Porque não havíamos nós de ter direito a uma parte?

Brigitte – Até precisamos mais do dinheiro do que eles...

Patrick – É como na lotaria. Ganham sempre os que não precisam.

Brigitte – Os velhos, os ricos...

Patrick – Ou os que são tão pobres que nem sabem o que fazer a tanto dinheiro...

Brigitte – Gastam tudo e acabam ainda mais pobres!

Patrick – Eu sabia muito bem o que fazia com aquele guito, acredita.

Brigitte – Pois, mas a mala é deles...

Patrick – Deles? Caiu-lhes do céu! Se nos tivessem usado a nós como mulas...

Brigitte – Tens razão... Há mais do que um burro chamado Martin...

Patrick – Deve haver maneira de...

Brigitte – De quê?

Maurice e Delphine regressam.

Brigitte – Mais um café?

Maurice – Pensámos melhor. Vamos chamar a polícia e deixá-los tratar do assunto. É o mais prudente.

Patrick – Se estivesse no vosso lugar, não fazia isso...

Delphine – Porquê?

Patrick – A polícia, nestes países... Sabem como é.

Delphine – Ainda há umas semanas torturavam por aqui os opositores do regime...

Patrick – Imaginem que aparecem e vos encontram vestidos de talibãs, com uma mala cheia de rublos... Pensam logo que são da Al-Qaeda!

Maurice – Acha?

Patrick – No mínimo, arriscam-se a apodrecer anos na prisão antes que alguém se dê ao trabalho de analisar o vosso caso.

Brigitte – Um caso bem complicado. Nem eu tenho a certeza de ter percebido tudo.

Delphine – Podemos queimar o dinheiro! Se é dinheiro sujo...

Patrick – E se aqueles tipos aparecerem à procura dele?

Delphine – Até agora não apareceu ninguém.

Patrick – Talvez esperem por uma altura melhor.

Brigitte – Não estamos no Ramadão, por acaso?

Maurice – Então, o que fazemos?

Patrick – Esperem mais um pouco para ver se o dono aparece.

Maurice – O dono da casa?

Patrick – O dono do dinheiro!

Brigitte – A máfia chechena!

Maurice – Talvez tenha razão... Que achas, Delphine?

Delphine – Já nem sei o que pensar.

Brigitte – Vou fazer mais café.

Patrick – Deixa, vou eu.

Brigitte – Tens a certeza de que consegues?

Patrick – Claro! Estás de férias, bebé. Descansa um bocadinho.

Patrick sai. Os outros três ficam absortos. O telemóvel de Brigitte toca.

Brigitte – Estou? Sim, passo-lha. *(A Delphine.)* É para si. Um homem com sotaque belga...

Delphine – Sim? *(Fica pálida.)* Compreendo... Não, não... Muito bem. Faremos exatamente o que nos disse...

Devolve o telemóvel a Brigitte, transtornada. Maurice e Brigitte olham-na, interrogativos.

Delphine – Eram eles...

Brigitte – Eles? Quem?

Patrick regressa.

Patrick – Bebé? Não encontro os filtros do café... *(Vendo as caras.)* Que aconteceu?

Delphine – Telefonou um homem com um sotaque esquisito. Diz que tem a nossa mala...

Maurice – E então?

Delphine – Propõe uma troca...

Brigitte – Uma troca de reféns?

Delphine – De malas!

Patrick – Como?

Delphine – Deixamos esta mala no terraço e entramos em casa. O homem virá trocá-la pela nossa.

Brigitte – Uma mala falsa?

Delphine – A nossa.

Maurice – Parece um mau filme de espionagem...

Delphine – Insistiu que não podia haver testemunhas.

Maurice – Mas porque ligou para o telemóvel da Brigitte?

Brigitte – Não é a primeira vez que nos confundem. Deve ser novamente por causa da tal homofobia...

Patrick – Acho melhor fazermos o que ele manda. Esses tipos não costumam brincar.

Delphine – Sem testemunhas...

Brigitte – Talvez nos matem na mesma, depois de levarem a mala. E tudo por vossa culpa!

Maurice – Mas nós não pedimos nada disto!

Brigitte – Se calhar nunca mais voltamos a ver La Courneuve...

Patrick – Calma, bebé. Se fizermos exatamente o que ele manda, há de correr tudo bem.

Brigitte precipita-se para a garrafa de vinho tinto.

Brigitte – Acho que preciso de beber alguma coisa para ganhar coragem.

Delphine faz o mesmo.

Delphine – Eu também...

Escuro.

Ato 4

Na penumbra, um homem de djellaba, com o capuz levantado, aproxima-se cautelosamente da mala. Brigitte surge por trás e dá-lhe uma pancada com o guarda-sol. Ele cai. Acendem-se as luzes.

Brigitte – Venham depressa! Apanhei-o!

Maurice e Delphine chegam. O homem está inconsciente. Brigitte tira-lhe o capuz.

Brigitte – Patrick!

Delphine – Estás a ver? Eu bem te disse! Eram eles!

Maurice – Nesse caso, porque é que a mulher lhe deu uma pancada?

Patrick recupera os sentidos.

Patrick – Pronto, confesso... Só queria ficar com o dinheiro.

Brigitte – Porque não me disseste nada?

Patrick – Tive medo de que não concordasses.

Brigitte – Oh, Patou... Não te magoei muito, pois não?

Delphine – Grande sacana!

Brigitte – Vê lá como falas, sua ordinária! É do meu homem que estás a falar!

Maurice – E o que faríamos se o verdadeiro dono do dinheiro tivesse vindo buscar a mala?

Patrick – Fui eu que telefonei.

Brigitte – Ah, está bem...

Delphine – Merecia que lhe desses uma tareia, não achas, Maurice?

Patrick – Experimenta, Momo.

Maurice – Somos pessoas civilizadas! Estamos num país que acaba de reconquistar a democracia. Não vamos resolver as coisas à pancada.

Patrick – Muito bem, mas queremos a nossa parte do tesouro.

Delphine – Que parte?

Patrick – Metade. Ou conto tudo, não é, Momo?

Delphine – Contar o quê?

Maurice – Depois explico-te, querida... Está bem, dividimos tudo por igual.

Brigitte – Tal e qual como o cuscuz!

Maurice abre a mala. Os quatro examinam as notas com atenção.

Brigitte – Isto não é cirílico. É grego.

Patrick – São dracmas!

Delphine – E como é que sabem isso?

Brigitte – Acha que somos analfabetos?

Patrick – Os meus pais foram à Grécia pouco antes da entrada do euro e trouxeram algumas notas. Lembro-me perfeitamente. Olhem, até têm o Coliseu desenhado!

Delphine – O Parténon, suponho...

Brigitte – E o que faz a máfia russa no Magrebe com uma mala de dracmas?

Patrick – E se forem notas falsas?

Delphine – Quem seria suficientemente idiota para falsificar dracmas tantos anos depois da chegada do euro?

Maurice – Vocês trouxeram uma mala inteira de cuscuz em lata fora de prazo!

Delphine – Talvez ainda se possam trocar por euros.

Brigitte – Infelizmente, já não. Desde 1 de março de 2012.

Maurice – Tem a certeza?

Patrick – Os meus pais guardaram as notas durante anos, a pensar que um dia voltavam à Grécia. Quando decidiram trocá-las, já era tarde. Acabaram por no-las dar.

Brigitte – Usámos aquelas notas durante anos para jogar Monopólio. Por isso é que as conhecemos tão bem.

Delphine – Com isto ainda compramos a Rue de la Paix... no Monopólio!

Maurice – E pensar que quase nos matávamos uns aos outros...

Suspiram todos.

Brigitte – E tudo isto para quê?

Patrick – Por dinheiro que já não vale nada. *(Enche os copos.)* Vá, esta rodada é por minha conta. Precisamos de acalmar os nervos!

Brindam.

Brigitte – Como dizia a minha mãe: o dinheiro não traz felicidade.

Delphine – Os dracmas, de certeza que não. Sobretudo quando já não se podem trocar.

Maurice – Ninguém virá reclamar este dinheiro. É evidente.

Brigitte – Tudo está bem quando acaba bem.

Pausa.

Delphine – Vou telefonar ao consulado por causa da nossa mala. Talvez nos possam ajudar.

Maurice – Hão de passar-nos documentos provisórios para regressarmos a França.

Delphine – E adiantar-nos algum dinheiro.

Brigitte – Se for preciso, nós emprestamos-vos.

Patrick – Entre franceses, no estrangeiro, temos de nos ajudar. Olha, Momo, começo por emprestar-te roupa. Não podes continuar vestido assim... e eu também não.

Delphine sai para telefonar. Patrick e Maurice vão mudar de roupa.

Brigitte – Vou arrumar isto um bocadinho.

Brigitte procura uma estação no rádio.

Locutor – Aumentam as preocupações com a possível saída da Grécia da zona euro. Foi convocada para esta manhã uma reunião extraordinária...

Brigitte muda de estação. Ouve-se música norte-africana. Enquanto arruma, Patrick e Maurice regressam: Patrick com a roupa habitual; Maurice vestido de maneira semelhante à dele, num estilo bastante piroso.

Brigitte – Fica-vos muito bem!

Patrick – Mais um copinho de carrascão?

Maurice – Porque não? *(Patrick enche os copos.)* Falta decidir o que fazemos com a casa...

Patrick – Agora que nos conhecemos melhor, porque não passamos as férias todos juntos? Afinal somos amigos de infância, não é, Momo?

Delphine regressa.

Delphine – Pronto, deixei-lhes a nossa morada. *(Repara na roupa de Maurice.)* Mudaste de roupa?

Brigitte – Fica-lhe bem! Até parece mais novo, não acham?

O álcool deixou Maurice visivelmente desinibido.

Maurice – O Patrick e a Brigitte propõem que passemos as férias todos juntos. Que achas, querida?

Delphine *(à parte)* – Ouve, Maurice... Temos certamente muito a aprender com as pessoas de Sarcelles, mas...

Maurice – De La Courneuve.

Delphine – É quase a mesma coisa, não é?

Maurice – Não, Delphine, não é a mesma coisa! Sarcelles fica no departamento 95. La Courneuve fica no 93!

Delphine – E tu como sabes?

Maurice – Estudei no colégio Gagarine com o Patrick. Eu sou o Momo, Delphine! E se não gostas, azar!

Delphine – O quê? Que estás para aí a dizer?

Brigitte – Ora, isto é que é sair do armário!

Maurice – Estou farto de mentir. Desde que te conheci, fiz tudo para corresponder à imagem que tu e os teus pais esperavam de mim. Mas chega!

Delphine – Estás a delirar!

Maurice – Até mudei de nome por tua causa!

Delphine – Não te chamas Maurice?

Maurice – Chamo-me Mohamed. Vim aqui à procura das minhas raízes! Para me reencontrar com os meus antepassados!

Delphine – Está bêbado! Mas, Maurice, os teus antepassados são os gauleses!

Maurice – Tenho sangue beduíno nas veias, Delphine! Sou um homem do deserto! Um nómada! Já não aguento campos de golfe!

Brigitte – Já agora, qual é a diferença entre um beduíno e um muçulmano?

Delphine – Não liguem. Não está em si.

Maurice – No fundo, sei que nasci para viver numa tenda, no meio do deserto! Não num duplex no décimo sexto bairro de Paris!

Delphine – Ótimo! Da próxima vez acampamos nas Landes!

Maurice – Sou um tuaregue, Delphine! E tu transformaste-me... num turista!

Brigitte, também bastante embriagada, tenta aliviar o ambiente.

Brigitte – E se fizéssemos um churrasco ao almoço?

Patrick – Estás a ver que não é a altura, bebé? Às vezes falta-te um bocado de psicologia.

Brigitte – Psicologia? Chama-me burra de uma vez!

Patrick – Mas o que te deu, bebé?

Brigitte – Para começar, não sou teu bebé! E, se fosses um homem a sério, já me tinhas feito um!

Patrick fica de boca aberta.

Maurice – Só faltam as salsichas.

Delphine – O quê?

Maurice – Para o churrasco!

Delphine – Nem sequer temos papel para o acender.

Maurice *(perdendo a cabeça)* – Temos os dracmas! Os malditos dracmas! Não os vamos guardar para jogar Monopólio!

Maurice começa a rasgar as notas e a atirá-las para o grelhador.

Patrick – Não se preocupem. Também trouxemos merguez.

Escuro.

Ato 5

Maurice, Delphine, Patrick e Brigitte regressam da piscina.

Patrick – Ah, que bem sabe!

Maurice – Sim, ajuda a pôr as ideias no lugar.

Delphine – E também o estômago... Aquelas merguez eram um bocado gordurosas, não eram?

Maurice – Nem sabia que se vendiam merguez em lata.

Delphine – Temos de reconhecer que a piscina é magnífica.

Brigitte – Vamos mudar de roupa. Vens comigo, Delphine? Tenho alguma coisa para te emprestar. Sei exatamente o que te ficaria bem...

As duas mulheres saem.

Patrick – Mas como conseguiste esconder à tua mulher que és muçulmano, Momo? Pelo que vi na piscina, continuas circuncidado, não é?

Maurice – Disse-lhe que era judeu não praticante... E para ser convincente faço jejum no Yom Kippur uma vez por ano.

Patrick – Ah, sim... Isso é que é empenho.

Pausa.

Patrick – Um digestivo?

Maurice – Vamos a isso!

Patrick tira uma garrafa da geleira e enche dois copos. Brindam.

Maurice – Excelente! O que é?

Patrick – Ouzo. Temos imenso lá em casa. Queres música?

Patrick liga o rádio. Procura uma frequência e encontra uma estação com música árabe. Pouco depois, regressam Brigitte e Delphine, esta agora vestida no mesmo estilo vistoso e provocante de Brigitte.

Patrick – Uau! Fica-lhe lindamente!

Delphine – Achas? Que te parece, querido?

Maurice fica um pouco perturbado. A música para.

Locutor – Interrompemos a emissão para uma notícia de última hora. Numa decisão que surpreendeu todos os analistas, a Grécia saiu hoje do euro e o dracma voltou a ser a moeda oficial do país. Voltaremos com mais informações sobre as consequências desta decisão. Se têm alguns dracmas esquecidos numa gaveta ou numa mala, este é o momento de os tirar cá para fora...

Maurice – Nós queimámos os nossos todos para acender o grelhador...

Locutor – E agora, um pouco de música clássica, neste dia de luto para a Europa...

Todos olham para o grelhador, que ainda deita fumo. O telemóvel de Delphine toca. Maurice desliga o rádio.

Delphine – Estou?... Percebo... Muito bem.

Guarda o telemóvel. Os outros três aguardam, ansiosos.

Delphine – Um funcionário do consulado vai trazer-nos pessoalmente os passaportes provisórios...

Maurice – E...?

Delphine – E recolher a mala Vuitton. Andam à procura dela desde esta manhã.

Maurice – O consulado?

Delphine – A mala pertence a um funcionário do Quai d'Orsay, o Ministério dos Negócios Estrangeiros francês, que está de férias aqui.

Maurice – Aqui? Mas não deve ser por causa da promoção!

Delphine – Está hospedado no palácio do antigo ministro da Justiça do ditador deposto. Veio apoiar a candidatura dele às presidenciais...

Patrick – Com uma mala cheia de dracmas?

Delphine – Afinal foram os gregos que inventaram a democracia.

Maurice – E os franceses inventaram o financiamento clandestino das campanhas eleitorais. É isso que dá tanto charme à democracia à francesa. Disseram mais alguma coisa?

Delphine – Insistiram muito que não abríssemos a mala. É uma Vuitton diplomática.

Ouve-se ao longe uma sirene da polícia.

Maurice – Acho que estamos metidos num belo sarilho...

Patrick – E nem temos carro para nos pormos em fuga!

Maurice – A não ser que montemos naqueles camelos e desapareçamos no deserto.

Delphine – Tu que querias acordar o tuaregue que há em ti, chegou a hora.

Maurice – Da última vez que montei um camelo tinha oito anos. Foi no Parc Astérix, um parque de diversões!

Patrick – E eu na Mer de Sable!

O telemóvel de Brigitte toca. Ela atende.

Brigitte – Estou?... Sim?... *(Tapa o microfone.)* É o dono da casa. Quer saber se estamos a gostar das férias. Que lhe digo?

A sirene da polícia ouve-se cada vez mais perto.

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Junho de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-231-9

Documento para download gratuito